



— *Mais conhecido como bilionário e gigante da área tecnológica, ele é um filósofo conservador*

# Peter Thiel, voz dos republicanos, rei das BigTechs





**Lição do mestre**  
Girard ensinou a ele que toda ação política vai terminar em tragédia – em violência contra o estadista que quer controlar o mundo

**MARTIM VASQUES DA CUNHA**  
ESPECIAL PARA O ESTADÃO

**A** grande obsessão do empreendedor americano Peter Thiel é com o futuro. Nascido em 1967, filho de uma família de imigrantes alemães, sua reputação é cheia de boatos, rumores e lendas. Dizem que ele é um empresário implacável, de índole maquiavélica; afirmam que apoia financeiramente movimentos de extrema direita; que deseja destruir a democracia a qualquer custo. Depois advertem que ele é um vampiro, em busca da imortalidade por meio de novas tecnologias e também ao sugar o sangue de jovens cobaias – tudo isso em função de um porvir que, segundo o próprio Thiel, a humanidade abandonou para viver em um “falso progresso”.

Agora, vamos aos fatos. Thiel é um bilionário do Vale do Silício, com uma fortuna estimada em US\$ 7,1 bilhões, dono das empresas PayPal (que antecipou os pagamentos virtuais na internet, eliminando a intermediação dos cartões de crédito), Palantir (cuja especialidade é a extração de dados pessoais para companhias de vigilância tecnológica) e a Founders Fund (um banco de fundos de investimentos).

Foi também um dos primeiros sujeitos a acreditar num fedelho chamado Mark Zuckerberg e em sua empresa Facebook. Apoiou Donald Trump em 2016 e em 2020. É homossexual assumido, mas de temperamento conservador. Considera-se um libertário, vigoroso defensor do livre mercado. E é fascinado pelo experimento científico “parabiosis”, uma forma de deter

o envelhecimento humano.

O que poucos sabem é que Peter Thiel é também um pensador político – e talvez um dos mais importantes dos nossos dias. Apesar de ser conhecido pelo grande público como o autor de *De Zero a Um* (Objetiva, 2014) – best-seller que foi vendido como um manual para administrar startups de tecnologia –, o texto que realmente interessa para entender melhor a sua visão de mundo é o brilhante ensaio *O Momento de Strauss*, escrito em 2004 como reação aos ataques terroristas do 11 de setembro de 2001 (e disponível no Brasil na coletânea *Política e Apocalipse*, lançada pela É Realizações).

**Trio**  
*Haveria três soluções, de pensadores modernos, para o atual dilema: as de Carl Schmitt, de Leo Strauss e René Girard*

Partindo deste traumático evento histórico que inaugurou no século 21 uma longa fileira de pesadelos infinitos, Thiel afirma que apenas comprovou o impasse da “imaginação liberal” dominante nos últimos 60 anos, desde o

término da 2.<sup>a</sup> Guerra Mundial. Não há mais diplomacia que resolva as escolhas extremas impostas pelo jihadismo, principalmente as que envolvam o impasse entre liberdade individual e segurança coletiva. Ações radicais devem ser adotadas no terreno da política, mesmo que sejam à custa do liberalismo tão adorado pelos intelectuais acadêmicos e pela elite sediada em Washington e em Bruxelas.

**INFLUÊNCIAS.** Existiriam três soluções, elaboradas por grandes pensadores modernos, para resolver tal encruzilhada, de acordo com Thiel: a de Carl Schmitt, a de Leo Strauss e a de René Girard. Os três nunca foram bem aceitos pelo establishment midiático. Schmitt é o mais polêmico de todos por causa das conexões com o nazismo, mas até hoje é citado como um grande constitucionalista pela casta jurídica internacional; Strauss foi contemporâneo de Schmitt, escapou da hecatombe hitlerista, exilou-se nos Estados Unidos e construiu uma impecável carreira como scholar de estudos clássicos; e Girard foi professor do próprio Thiel quando este estudou na Universidade de Stanford e um dos seus grandes ensinamentos foi a respei-

to da única constante que envolve a natureza humana, independentemente do tempo e do espaço. É o fato de que nós somos seres competitivos e imitamos os nossos semelhantes em todos os sentidos.

Foi a partir da constatação de que há uma estrutura nesta rivalidade antropológica que Thiel construiu não só o seu pensamento político, mas sobretudo o que seriam as suas estratégias como inovador de tecnologia e como empreendedor. O liberalismo, em especial o que é baseado em John Locke, seria uma mentira que encobriria não só o fato de que a competitividade está na nossa essência, mas fugiria do fato de que a violência sagrada domina a sociedade como um todo. O 11 de setembro explicitou esse horror. Com isso, Thiel propõe que Carl Schmitt seja um guia para impedir que atos abomináveis se espalhem entre os seres humanos, numa contenção autoritária que inevitavelmente terminará com a destruição da nossa liberdade. Ao mesmo tempo, o empresário reconhece que a perspectiva de Leo Strauss – a de se retirar do poder para buscar a virtude do espírito por meio da educação clássica – é um contrapeso ao radicalismo de Schmitt. Ainda assim, a solução de Strauss descamba na parali- ☹

SHANNON STAPLETON/REUTERS - 14/12/2018



que criou, pois é assim que acontece em todas as sociedades desde Adão e Eva. O estadista (ou o empresário) que agiu corretamente será o bode expiatório das próximas décadas, se guardarmos as devidas proporções, com o povo assassinando a sua reputação, pelo menos em termos metafóricos – mas que também pode ir para as vias de fato, se as instituições não contiverem a loucura do linchamento.

Aconteceu isso com Steve Jobs após a fundação da Apple; ocorreu também com Winston Churchill depois de vencer Hitler; e até com o misterioso Howard Hughes, que ficou louco depois de ter uma carreira esplêndida em Hollywood e na aviação.

**IMPASSE.** Imerso entre essas tensões, Thiel cria o seu próprio impasse: o de construir a sua empresa como se fosse um culto no qual o empreendedor a administra como um monarca absoluto ou a de permitir a liberdade em um meio social em que, se ela não for bem ordenada, culminará numa “grande estagnação”. Este seria o estágio no qual estamos vivendo atualmente.

